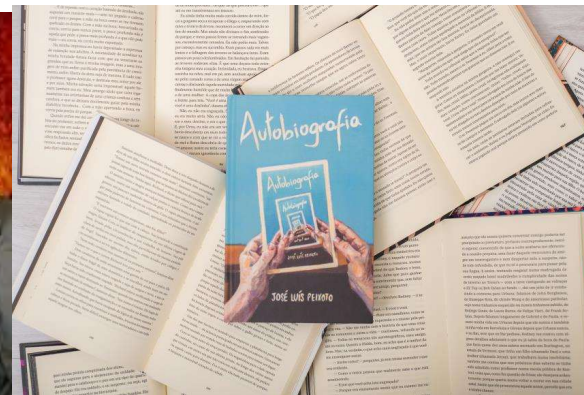


Tema: apresenta autobiografia



PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

22. LUCIANO JOSÉ DOS SANTOS BAPTISTA PEREIRA, ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO, INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL, PORTUGAL AICL



26º LOMBA DA MAIA 2016



25º MONTALEGRE 206



13º FLORIPA 2010



29º BELMONTE 2018

LUCIANO PEREIRA

Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Francês), 1982,

Mestre em Literaturas Comparadas Portuguesa e Francesa, 1992

Doutor em Línguas e Literaturas Românicas – Especialidade de Literaturas Românicas Comparadas, 2004

PUBLICAÇÕES

1. COMUNICAÇÕES E ARTIGOS:

A cultura açoriano-catarinense na obra de Franklin Cascaes

Paiva Boléu e a cultura açoriano-catarinense.

A representação da Ilha na literatura de temática açoriana

A representação da Arrábida na literatura portuguesa

A lagoa das sete cidades: cristalizações de memórias, mitos e lendas

O contributo africano para o fabulário de língua portuguesa

O cavalo e o touro nos fabulários, nos bestiários e no imaginário popular

Os contributos mitriacos no culto do Divino Espírito Santo e algumas das suas expressões na literatura tradicional

A rosa não tem porquê. Homenagem a uma poetiza vulcânica

A Bélgica na poesia de Vitorino Nemésio

Vitorino Nemésio: Poème dramatique au soldat portugais inconnu mort à la guerre. Contributos para a sua tradução

O mau-olhado na cultura popular

A Paixão segundo João Mateus ou a infinita paixão de Norberto Ávila

Referências e indícios hebraicos na literatura popular

Contributos árabes na literatura popular portuguesa

As mouras encantadas no imaginário galaico-português

A representação dos Açores na poesia publicada no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro

2. ENSAIOS:

A fábula em Portugal. Contributos para a história e caracterização da fábula literária.

3. UNIDADES DIDÁTICAS PARA ALUNOS DO ENSINO COMPLEMENTAR DA LÍNGUA PORTUGUESA NA ALEMANHA (EM COLABORAÇÃO):

A cidade

A língua.

4. EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

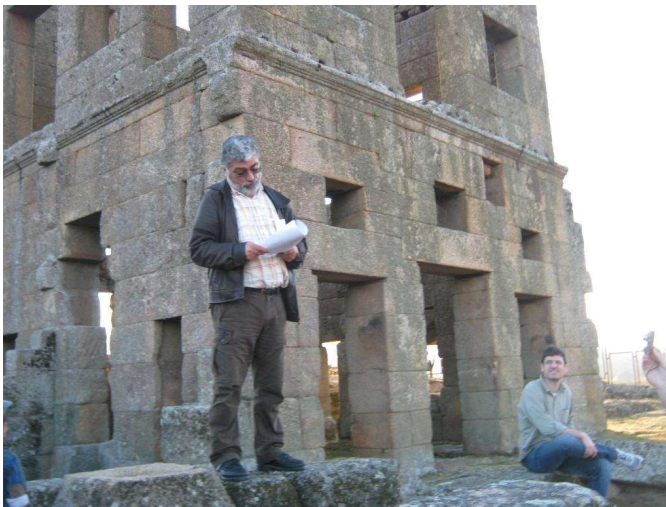
Colaborador da Divisão do Ensino do Português no Estrangeiro da Direção Geral de Extensão Educativa (1990/1995)

Coordenador do Ensino da Língua e Cultura portuguesas - Embaixada de Portugal em Bona (1995/1996)

Vice-Presidente do Conselho Diretivo (2005-2008)

5. DISCIPLINAS LECIONADAS:

Globalização das Expressões, Literatura para a Infância, Introdução à Literatura Comparada, Retórica e argumentação, Culturas Populares, Língua e Cultura Portuguesas para Estrangeiros, ...



23º FUNDÃO 2015



25º MONTALEGRE 2016



25º GRACIOSA 2015



11º LAGOA 2009



13º FLORIPA 201



16º SANTA MARIA 2011



19º MAIA 2013



19º MAIA 2013



21º MOINHOS 2014



16º SANTA MARIA 2011



15º MACAU 2011



29º BELMONTE 2018



13º FLORIPA 2010

Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

Esta obra ensaística constitui um percurso por alguns dos temas da cultura e da literatura portuguesa mais emblemáticos. Sublinha-se a importância dos diferentes contributos exógenos e o modo como plasmaram o génio contemporâneo português. O espaço geográfico de Portugal dilata-se pelo espaço mais vasto da lusofonia, entendendo por lusofonia o espaço linguístico-cultural de criação de múltiplas identidades, em constante mutação e enriquecimento. Nesta medida, estamos perante uma obra que reforça o carácter lírico e épico que caracteriza a formação de um povo que não cessa de afirmar a sua universalidade desde a sua formação. Cada um dos vinte e cinco capítulos corresponde a uma comunicação científica que o autor teve a oportunidade de pronunciar em espaços muito diversos do mundo lusófono, com especial destaque para o espaço cultural açoriano. Cada artigo surge do contacto com as realidades que evoca e que, apaixonadamente estuda com uma verdadeira obsessão científica. Estamos perante postais de viagens, mais ou menos vividas, mais ou menos sonhadas, ouvem-se, nitidamente, as vozes do povo, com as suas variantes e especificidades. Deliciamo-nos com a estilística dos seus autores, ora mais espontâneas, ora mais elaboradas e eruditas.

Percebemos que, enquanto docente e formador, o autor aproveitou a sua paixão, para esclarecer as suas raízes e a sua identidade e dar asas à sua imaginação. Os seus estudantes e formandos são convidados, uns a revisitar paisagens, gentes e gestos que motivaram o seu entusiasmo e o seu orgulho pela sua língua e pela sua cultura, outros a empreenderem novos percursos e a realizarem novas descobertas, iniciando as suas próprias pesquisas, nesse imenso espaço aberto que constitui o mundo lusófono.

Prefácio - Lusofonografias – Ensaio pedagógico-literário

Em boa hora Luciano Pereira decidiu reunir nesta obra os seus trabalhos de investigação, tais como comunicações e artigos diversos, quer literários, quer de natureza pedagógico-didática, apresentados no País ou no Estrangeiro, em encontros científicos ou em cursos de formação de professores. E fá-lo com um propósito bem solene: assinalar o seu sexagésimo aniversário. Presta deste modo um serviço de relevo, não só aos seus amigos, colegas e discípulos, que assim o podem mais facilmente ler ou reler, mas também ao público, em geral, que se interessa pelos temas que ele estuda afincadamente com sabedoria e oportunidade.

Tenho tido o privilégio e a honra de vir acompanhando, desde longa data, o percurso pessoal e profissional de Luciano Pereira, intensamente dedicado à língua e cultura portuguesa. Muitos dos textos que inclui nesta obra foram primeiramente apresentados como comunicações em congressos nacionais e internacionais, nomeadamente nos Colóquios da Lusofonia, nos quais também participei, podendo assim testemunhar a sua excelente qualidade, assim como a receptividade e apreço com que foram acolhidas pelo público presente.

Os temas que captam a atenção e o desvelo de Luciano Pereira distribuem-se por áreas tão diversas como a das fábulas, lendas e bestiários, a da representação da serra da Arrábida na literatura portuguesa, nomeadamente em Sebastião da Gama, a da presença de elementos hebraicos ou árabes na literatura popular, a contribuição africana para o fabulário de expressão portuguesa, a da diversificada temática açoriana, etc.

A intenção com que Luciano Pereira publica esta obra é claramente definida por ele próprio na “Apresentação,” nos seguintes termos: “Espero que esta publicação, que foi antes de mais elaborada para e com os meus alunos, não os dececione e seja entendida como uma espécie de percurso pedagógico e científico de um professor em busca das suas raízes e das mais diversas formas de as celebrar.” Esta obra deve, pois, ser entendida como a celebração de um rico, substancial e variado percurso pedagógico-didático do seu Autor.

O estudo do texto literário constitui, neste percurso, o cerne do seu afã docente, conforme destaca, logo no começo do primeiro capítulo: “O texto literário é um espaço de representação e produção cultural, é um precioso adjuvante da construção de identidades, o educando é convidado a construir de forma crítica a sua individualidade, as suas diferentes pertenças, a sua consciência nacional e regional.” E, mais adiante, reforça: “Enquanto espaço interdisciplinar, o texto literário representa o mundo recriando-o, exige deste modo abordagens transdisciplinares e compreensivas levando o educando a formular hipóteses complexas e globais sobre o real, sobre a sua relatividade e sobre as suas lógicas.”

Defensor acérrimo, e em justa causa, da importância dos estudos literários na formação pedagógica, Luciano Pereira dedica particular atenção ao valor formativo da literatura para a infância e para os jovens, demonstrando a relevância dos mitos, das fábulas, dos contos e das lendas na educação dos jovens. Em relação ao estudo do mito, por exemplo, sustenta que “as crianças encontram [ai] o modelo de excelência para poder dar sentido ao mundo e a si próprias”, sendo a fábula uma das suas mais conhecidas expressões. Onde o estudo minucioso que nos oferta sobre um variado tipos de fábulas, nomeadamente literárias. Numa profícua simbiose entre a análise teórica e a prática discente, promove diversificadas experiências pedagógicas, que incluem pesquisas e inquéritos escolares.

Outro estudo, bem singular, que queria distinguir denomina-se “As cores da língua portuguesa como expressão da cultura” e é apresentado no capítulo quarto. Sustentando que “a utilização particular da cor pode ser uma característica particular da estilística de um autor, de uma época ou de uma cultura”, vai procurar “apreender tais características e equacionar a sua transmissão/apreensão e utilização no contexto da língua e da cultura portuguesa”, através de uma consistente pesquisa. Começa, pois, por distinguir, na língua portuguesa, os lexemas básicos da cor, as cores fundamentais, assim como a formação das várias cores compostas e realiza um inquérito em várias turmas escolares dos ensinos básico, secundário e superior, para averiguar o conhecimento que os alunos têm das cores e no qual revelam diversas lacunas.

Demonstra depois como “os morfemas lexicais determinativos da cor constituem uma base privilegiada para a formação de numerosas palavras pertencentes às mais diversas classes gramaticais (substantivos, adjetivos, verbos, advérbios),” e apresenta diversificados e ilustrativos exemplos. Seguidamente, põe em evidência o modo como os nomes das cores se combinam com outras palavras, assim como a abundância de substantivos que se referem ao mundo mineral, vegetal ou animal e que são caracterizados pelas cores. Evoca depois o valor conotativo das cores que ocorrem em expressões e ditados populares, ilustra de modo significativo e com exemplos literários bem interessantes (de Garrett, D. Dinis, Camões, Eugénio de Castro e Sophia de Melo Breyner) a importância do verde como “cor da nossa cultura.” E termina este original capítulo com a apresentação de várias propostas pedagógicas que visam a aquisição do vocabulário.

Interessante e também muito bem conseguido é o quinto capítulo, intitulado “A valorização do trabalho no contexto do Ensino da Língua e da Cultura Portuguesa,” no qual dá conta da sua diversificada e rica experiência como professor e formador em ações pedagógicas que tem realizado ao longo da sua carreira docente, quer no País, quer no Estrangeiro. Procurando sempre associar o ensino à formação e à pesquisa, descreve as suas experiências de trabalho no contexto escolar e apresenta diversas propostas pedagógicas.

Os capítulos sexto e sétimo são dedicados à representação da Serra da Arrábida na literatura portuguesa, na qual refere um número variado de escritores, com destaque para Sebastião da Gama, e dá exemplos dos respetivos textos.

A presença hebraica e a contribuição árabe na literatura popular também lhe merecem particular atenção e a elas dedica os capítulos nono e décimo, respetivamente. No capítulo décimo primeiro põe em destaque a riquíssima contribuição africana para o fabulário de expressão portuguesa, socorrendo-se de textos de inúmeros escritores africanos, brasileiros, portugueses e outros. A presença do cavalo e do touro nos fabulários, nos bestiários e no imaginário tradicional constitui o objeto de um aprofundado estudo no décimo quarto capítulo.

A temática açoriana (o culto do Espírito Santo, a ilha no imaginário poético, a representação dos Açores na poesia publicada no “Almanaque de lembranças luso-brasileiras” e os mitos e lendas em torno da Lagoa das Sete Cidades) é analisada magistralmente nos capítulos décimo sexto ao. Temas diversos, que não vou pormenorizar, constituem ainda objeto de estudo dos últimos capítulos, sempre reveladores de uma ampla erudição do Autor.

Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

Em conclusão, nesta obra Luciano Pereira revela-se como um excelente investigador que sabe trabalhar adequadamente para que o exercício do seu magistério se torne mais profícuo e inovador, contribuindo deste modo para uma formação mais completa e empenhada dos seus discentes. Nela se revela também como exímio escritor, dotado de um estilo próprio, minucioso e didático. A sua erudição é incomensurável, já que manifesta um profundo e amplo conhecimento das literaturas de expressão portuguesa, da literatura francesa, da cultura clássica e não só. Cada capítulo termina com ricas e atualizadas referências bibliográficas que muito enriquecem a obra e fundamentam mais solidamente as análises apresentadas.

Lisboa e Academia das Ciências de Lisboa, 17 de junho de 2018 João Malaca Casteleiro

Posfácio

Cuidava eu que a minha opção de escritor – laborando desde a juventude na criatividade teatral, poética e narrativa, sem a mínima prática do ensaio literário – poderia isentar-me de escrever prefácios a obras eruditas de outros autores, tendo por certo que haveria sempre alguém que o pudesse fazer com muito mais competência e autoridade. Surpresa foi, portanto, receber o mesmo assim honroso convite para alinhar umas palavras simples, com que os “prezados leitores” dessem por concluída a minuciosa apreciação deste volume, tão rico na sua diversidade.

Acontece que Luciano Pereira, participante como eu dos Colóquios da Lusofonia (em que se tem destacado pela qualidade das comunicações e disponibilidade organizacional complementar, além dum invulgar trato social), se dignou distinguir-me com o merecimento da sua amizade, ao longo destes convívios, em tão diversos lugares de Portugal. E até lhe devo a gentileza de escolher para uma das suas comunicações uma aproximação, a vários níveis, de duas obras minhas: a peça teatral *A Paixão Segundo João Mateus* e o romance que daí resultou, anos mais tarde.

Agradável digressão foi, na verdade, a minha leitura desta coletânea de ensaios: O fascinante universo da fábula como ponto de partida e respetivo percurso pedagógico; o enaltecimento da Terra Pátria, principalmente da serra da Arrábida e do Arquipélago dos Açores; o relacionamento da Cultura Portuguesa, com outras culturas: hebraica, árabe e brasileira; o culto açoriano do Espírito Santo e muitos outros aspetos da nossa vivência nacional e internacional. Tudo isto estudado com invulgar dedicação e desvelo de responsável ensinante.

Quanto ao laborioso ensaio que fico a dever à competência analítica de Luciano Pereira, presumo que o professor, ao esmiuçar a peça teatral e o romance – este último intitulado *A Paixão Segundo João Mateus (Romance Quase de Cordel)* – logo terá optado pelo sugestivo título do seu ensaio: “A Paixão Segundo João Mateus ou a infinita paixão de Norberto Ávila. Como que adivinhou, conjecturou que este João Mateus, fictício poeta popular da ilha Terceira, seria uma espécie de alter ego meu, transplantado que fosse da minha cidade natal (Angra do Heroísmo) para a pitoresca freguesia rural da Serreta, da mesma ilha, local em que eu o fiz nascer.

E fiquemos por aqui. Apenas com umas palavras mais: de regozijo pelo facto de Luciano ter optado pela celebração do seu 60º aniversário com a publicação desta obra, contributo prestimoso que sem dúvida merece larga divulgação, mormente entre os estudiosos da Língua e da Cultura Portuguesa.

NORBERTO ÁVILA Lisboa, fevereiro de 2018

Apresentação e Agradecimentos

Na semana a seguir à defesa da minha tese de doutoramento sobre a Fábula em Portugal, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa, iniciei a preparação do meu concurso para Professor Coordenador da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal.

Quis o destino que me lançasse numa aventura que me viria a desviar da minha primeira paixão, pedagógico-científica, para abraçar um projeto de gestão e administração institucional, enquanto Vice-Presidente do Conselho Diretivo da Escola Superior de Educação.

Desses anos, ficou-me o gosto amargo de muitas desilusões, o cansaço de lutas vãs e inúteis contra um contexto que se impunha como um dos mais constrangedores momentos da Educação em Portugal. Pressionados por fatores externos e alguma confusão interna, fomos estrangulados económica e financeiramente, e reduzidos à nossa expressão democrática mais minimalista, num movimento de centralização, que se aproveitou de algumas fragilidades e procurou aprofundar as ligeiras tensões existentes no corpo docente. Em nome da crise, congelou-se as carreiras, abrandou-se o investimento na investigação, procurando apenas atingir as exigências ditadas por Bruxelas, mais atenta a números do que a resultados técnico-científicos, com verdadeiros critérios qualitativos, indicadores do desenvolvimento sustentado de qualquer sociedade humanista que visa o bem-estar e a felicidade dos seus cidadãos.

Após a demolidora experiência que nos obrigou, a todos, a fazer das tripas coração, chouriços sem sangue e sangrias irracionais, caímos numa letargia apenas disfarçada por campanhas de propaganda que apresentavam o que de melhor tínhamos em todas as áreas da vida cívica. Rapidamente esgotaram-se os exemplos que se conseguiam afirmar no nosso panorama interno e, rapidamente, fomos embriagados com os nossos patrícios que triunfavam no estrangeiro, alguns já pertenciam à terceira geração, outros à segunda, e lá vinham os nossos enfermeiros e informáticos, levemente exportados para o Reino Unido e apresentados como a joia de uma coroa que ostentava um exército de técnicos e especialistas de que podia prescindir sem qualquer indício de remorso, nem tão pouco do mínimo desconforto.

A impossibilidade, ou talvez a incapacidade, de contribuir para reverter a situação levou-me a refugiar-me na minha grande paixão artística, científica e pedagógica. Encontrei nos Colóquios da Lusofonia e, posteriormente, na Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, um espaço de resistência e de resiliência, onde me senti acolhido, motivado, e onde podia, livremente, expressar opiniões e desenvolver investigação com toda a seriedade e rigor. Não posso deixar de agradecer a Chrys Chrystello, à sua família, e a todos os associados, a criação desta escola de vivências ‘inter’ e transculturais, assim como o aprofundamento desta vivificante e pujante identidade lusófona. Seria injusto não agradecer aos meus outros *compagnons de route*, colegas do Instituto Politécnico de Setúbal e, em particular, da Escola Superior de Educação, assim como os do núcleo de investigação sobre o Imaginário Literário da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa que, pelas mais diversas razões, e das mais diversas formas, apoiaram o meu trabalho, sempre me motivaram e sempre

Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

me incentivaram a prosseguir, apesar de tantos obstáculos e dificuldades pessoais. Os meus colegas da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia fizeram, de um grupo de sonhadores, um movimento de cidadania, em prole de uma nova e sólida consciência identitária, solidamente ancorada em valores de solidariedade e de fraternidade. Foi este o nicho que escolhi para desenvolver e partilhar a maior parte das experiências que a Escola Superior de Educação de Setúbal, com a maior das generosidades, e das mais diversas formas, me permitia. A minha extrema dedicação à minha intervenção pedagógica obrigou-me a respeitar uma certa distância em relação ao meu grupo de investigação inicial relacionado com os estudos sobre o Imaginário Literário, fundado e dirigido pelo Senhor Professor Doutor Helder Godinho, meu orientador da tese de mestrado sobre os Bestiários Franceses do século XII, assim como da tese de Doutoramento sobre a Fábula em Portugal. Todos os meus colegas, investigadores na área do imaginário, e em particular os da Universidade Nova de Lisboa, foram sempre da maior solicitude e continuam a prestar a maior das atenções aos meus trabalhos passados e presentes. Por razões profissionais e familiares não me tem sido possível conviver com eles com a regularidade que merecem e de que tanto necessito. Durante estes anos, alguns dos maiores vultos da nossa cultura tiveram a gentileza de me dedicar um pouco da sua amizade. Enquanto professor, não concebo o meu labor sem essa proximidade. A minha gratidão vai, em primeiro lugar, para o Professor Doutor Helder Godinho e para o Professor Nuno Júdice que me acompanham desde o meu curso de Mestrado, assim como para o meu, muito saudoso amigo e Mestre Pierre Bec, ex Diretor do Centro de Civilização Medieval de Poitiers, onde realizei, a seu convite, um curso intensivo de Verão. Nunca expressarei suficientemente a minha gratidão por ter tido a gentileza de me dedicar um dos seus muitos encantadores contos em língua occitânica: *La tor de la aglas*. Foi ele, em boa verdade que me apresentou pessoalmente ao Professor Malaca Casteleiro, embora já o conhecesse informalmente da Universidade de Lisboa, onde tive o privilégio de me licenciar com o contributo de tantos outros nomes da nossa mais primorosa cultura: Mário Dionísio, Rui Mário Gonçalves, José Martins Garcia, Ivo de Castro, Maria Elzira Seixo, Margarida Barahona... Recordo com especial gratidão o convívio e os trabalhos realizados com os meus amigos e colegas, Miguel Tamen, Teresa Guedes, Luís Prista, Luís Barbeiro, Helena Camacho, e tantos outros que contribuíram generosamente para a minha construção enquanto homem de cultura e de palavra. Durante o meu estágio tive a felicidade de ser orientado pela Professora Ana Vilhena e de ter crescido junto da sabedoria de um Fernando Gandra. A Escola Superior de Educação permitiu-me um breve mas profundo convívio com Maria de Sousa Tavares, Ana Laura de Metelo de Valadares Araújo, José Victor Adragão, José Catarino, Ana Bettencourt, Mara Emília Brederode Santos, Luís Souta e Luís Carlos Santos, entre tantos outros. Foi o Professor Malaca Casteleiro o primeiro que me incentivou a apresentar uma comunicação sobre o meu trabalho pedagógico na área da Língua Portuguesa. Desloquei-me então a Macau, onde fui recebido pelo meu amigo Luís Gaivão que, cada vez que me encontra, não deixa de elogiar o que ele considera ter sido uma das mais interessantes e criativas comunicações na área da didática do Português. Com amigos assim e tanta gente ilustre a incentivar-me, percebi que não podia deixar de lhes manifestar a minha mais sincera e profunda gratidão. Espero que esta publicação, que foi antes de mais elaborada para e com os meus alunos, não os dececione e seja entendida como uma espécie de percurso pedagógico e científico de um professor em busca das suas raízes e das mais diversas formas de as celebrar.

Tendo sido emigrante, na Bélgica, dos cinco até aos meus dezoito anos, escrevi, então, aquele que considero ter sido o meu primeiro artigo a celebrar a demanda obsessiva pelas minha raízes mais profundas: *A cor da Língua Portuguesa*. Confesso que procuro beleza em todos os meus trabalhos científicos e literários. Logo, nesse primeiro artigo, percebi que toda a minha vida seria votada a essa demanda e à partilha dessa minha paixão. Descobri, progressivamente, que não eram apenas as minhas raízes que me iam sendo reveladas mas que, à medida que a demanda se tornava mais profunda, eram asas que se moldavam e me levavam mar às costas. Nos anos noventa, a Dr.ª Madalena Patrício convidou-me para fazer parte, a tempo parcial, da equipa pedagógica do Núcleo do Ensino de Português no Estrangeiro. Durante alguns anos repartí a minha intervenção entre a Escola Superior de Educação de Setúbal e o Núcleo do Ensino de Português no Estrangeiro, o que me permitiu desenvolver projetos de formação de professores de português para crianças portuguesas migrantes, em particular na Alemanha, onde viria a desempenhar, por ironia do destino, funções de coordenação junto da nossa Embaixada em Bona. Em Lisboa, beneficiei da amizade e experiência de colegas de extrema competência e dedicação, tais como a Inês Mourão... Na Alemanha, tive o privilégio de conviver com pessoas excecionais, desde o Sr. Conselheiro para a Educação, Dr. Luís Madeira, e os nossos representantes junto dos consulados, até aos professores que, no terreno, afirmavam a nossa identidade, desafiavam as dificuldades linguísticas, os preconceitos culturais, as distâncias e todos os vendavais de chuva e de neve. Com todos eles aprendi, sonhei, sorri e, por vezes, chorei. Antes de me exilar, voluntariamente, para desempenhar funções na Alemanha, aceitei, à última da hora, passar o dia dos meus anos nos Açores, integrando uma equipa de formação de professores do continente americano. Senti, mais do que nunca, que nunca mais seria o mesmo. Estudei intensamente a literatura e a cultura açoriana. Informe-me sobre os diferentes sistemas educativos, as condições de trabalho dos nossos docentes, em particular nos Estados Unidos e no Canadá e lá, na Terceira, voltei a ouvir falar de viva voz de uma décima ilha, de que me havia falado o meu primeiro mestre de estudos linguísticos, José Martins Garcia. Mais tarde, sem o sabermos, Santa Catarina, no sul do Brasil, veio a ser para nós um espaço de amor e de mistério. Viemos a amar as mesmas lagoas, as mesmas praias, as mesmas gentes e os mesmos imaginários. São muitas as pessoas que estiveram na origem dos meus artigos sobre o imaginário catarinense. Nunca esquecerei as lágrimas, o amor e o afeto com que uma delegação catarinense me decidiu brindar, em Bragança, após a primeira comunicação que realizei sobre o tema.

A vida profissional permitiu-me deslocar-me a muitos outros países, integrando projetos de formação europeus que me possibilitaram abordar questões culturais e tecnológicas. Os meus colegas acolheram com delicadeza e entusiasmo textos da minha lavra. Nunca poderei esquecer a generosidade de Monsieur Plisson, que chefiava, na altura, o gabinete responsável pela defesa e difusão da língua francesa, sob a tutela direta da Presidência da República. A amizade de John Lemon, um dos destacados formadores de professores da Universidade de Huddersfield e Coordenador de um projeto europeu que me possibilitou construir uma ampla visão sobre a questão específica da formação dos professores de línguas, tendo em conta o recurso às tecnologias da informação e da imagem, foi preciosa num momento de profunda viragem nos nossos hábitos, atitudes e saberes pedagógicos. A camaradagem de Marek Wolfgang do Centro de formação de Kassel permitiu-me melhor entender e valorizar os hábitos e as atitudes germânicas perante o trabalho e o respeito pelos outros e pelas suas culturas. Todo esse frenesim intelectual levou-me a querer visitar alguns desses espaços com os olhares dos nossos maiores autores, visitei a França, a Bélgica e a Holanda com a sensibilidade de Vitorino Nemésio, que sonhou amores nas águas paradas do Square Marie Luise, em pleno coração de Bruxelas, onde, tantas vezes, senti, durante a minha adolescência, o meu coração estremecer de saudades.

Durante o período em que fui responsável pelas relações externas da Escola Superior de Educação de Setúbal, sob a presidência do meu grande colega e amigo, Luís Souta, tive a oportunidade de me deslocar a vários países africanos, em particular, a Moçambique e a Angola. Lembro, nas passadas do saudoso Professor Raul, o Professor Nelson Matias, verdadeiro filantropo, lusófono convicto e incansável construtor de pontes. Foi, aliás, num projeto de formação de professores, financiado pela fundação Calouste Gulbenkian, que plasmei as minhas experiências e ternuras africanas. Com o contributo do Professor José Victor Adragão, da Professora Doutora Fernanda Botelho e da Professora Doutora Ana Sequeira, aprofundei os meus conhecimentos pedagógicos e didáticos para construir alguns materiais para a formação literária adequada ao contexto dos países africanos de expressão portuguesa. Mobilizei os conhecimentos que havia desenvolvido com os meus alunos dos cursos de formação complementar, na área das línguas, e no contexto de uma disciplina dedicada às literaturas de língua portuguesa, e articulei-os com os conhecimentos e as experiências práticas dos meus colegas. O projeto, embora com um outro nome e com alguns novos intervenientes, após alguns anos de abrandamento, teve a felicidade de poder ser reativado, embora com novos contornos, sob a coordenação do Professor Nelson Matias.

A minha primeira tese foi entusiasticamente acolhida, mas a sua posterior divulgação encontrou alguns escolhos pelas insuperáveis dificuldades linguísticas que os textos originais apresentavam, o que não me impediu de ser convidado para realizar várias comunicações universitárias. Agradeço ao Sr. Professor Doutor Helder Godinho a gentileza de me convidar para dinamizar várias sessões sobre os Bestiários, os Aviários e os Lapidários Medievais, no curso de Mestrado sobre as Literaturas Medievais Comparadas de que era então um dos responsáveis. Agradeço os convites e as publicações das comunicações que realizei na Universidade Nova de Lisboa e na Universidade de Aveiro.

Vi, com muita alegria, a minha segunda tese transformar-se num verdadeiro instrumento de trabalho universitário e académico. A todos os seus leitores queria mais uma vez expressar o meu mais profundo reconhecimento.

Atas do 32º colóquio da lusofonia Graciosa 2-6 outº 2019

Os meus alunos interessaram-se sobretudo pelos artigos que redigi na área dos estudos sobre o imaginário popular e a sua expressão no espaço lusófono. Os meus artigos sobre a Serra da Arrábida, muito lhes devem, por essa razão, apresento uma espécie de variações com uma estrutura teórica muito semelhante, tal como o faço com os meus estudos em torno da poesia açoriana e com os meus artigos sobre o imaginário catarinense. Muito agradeço ao Professor Miguel Real o seu gentil convite para apresentar uma reflexão sobre a produção poética de Sebastião da Gama, por ocasião do primeiro Encontro Internacional que reuniu, em Setúbal, alguns dos seus mais destacados especialistas.

Ao longo destes anos foi apresentando aos meus alunos os autores por quem eles mais se apaixonavam, assim como os que se foram tornando meus amigos, por vezes pela proximidade física, outras pela proximidade que afetos e gostos literários foram tecendo. Apresentei-lhes autodidáticas tais como o multifacetado Mário Gomes Silvério, o senhor Varela Teles, que dedicou os seus últimos anos à pesquisa e ao estudo da biografia de Luís Vaz de Camões, assim como ao estudo da simbologia e do imaginário patenteado em alguns dos nossos monumentos mais emblemáticos. Apresentei-lhes autores de renome, tal como José Jorge Letria. Maria Emília Pires decidiu ir para além da obra literária que nos havia comovido e fascinado, *As bruxas da Serra de Fóia*, e falou, na primeira pessoa, sobre as tragédias de vida de uma criança e a importância do saber perdoar. O meu amigo, Norberto Ávila, encantou-os com as histórias da sua vida e sobretudo com a História de Hakim. Descobrimos as suas paixões segundo João Mateus, refletimos sobre as suas representações artísticas e literárias. Comparámos a sua peça de teatro com o seu romance, rimos ao bom rir! Lemos alguns dos seus poemas, inspiraram-nos imenso. Norberto representa hoje o melhor que as ilhas nos dão: a sua universalidade.

Sabendo eu que, apesar de todos os esforços dos responsáveis envolvidos, nem sempre as nossas comunicações científicas e pedagógicas são de fácil acesso, decidi transformá-las em artigos literários e reuni-los segundo uma ordem muito própria e reveladoras do meu próprio percurso, enquanto pessoa e enquanto professor. Muitas delas já haviam sofrido uma primeira metamorfose para as suas publicações em diferentes e variadas atas, tinha, agora, chegado a altura de dar mais um passo em frente e empreender a sua publicação conjunta para os poder oferecer à minha família, aos meus amigos e aos meus alunos, pela ocasião do meu sexagésimo aniversário. Um grande amigo luso-alemão, Rolf Kemmler, sócio correspondente estrangeiro da Academia de Ciências de Lisboa, também ele muito ativo na Associação dos Colóquios da Lusofonia, prontificou-se a publicá-los na sua editora, na Alemanha, após revisão técnica e científica por vários especialistas internacionais com as mais altas competências académicas. Foi ele que teve a paciência de me explicar as normas e as regras que presidem aos seus exigentes critérios editoriais. Foram muitas as horas que dispensei em vésperas de Natal, noites e sonhos adentro. Após consulta de algumas das suas publicações, entendi que a coleção *Studia Miscellanea Lusitana* da editora *Calepinus Verlag*, não só prestigiaria o meu trabalho científico, como lhe permitiria uma séria difusão internacional, incluindo os países de leste, tão ávidos por tudo o que, de nós, lhes chega. O nosso entusiasmo e árduo trabalho conjunto foi se prolongando durante um ano letivo. As variadas tarefas de um professor não lhe permitem prescindir de muito tempo para este tipo de ocupação, por vezes, considerada menor ou, pelo menos, bastante secundária.

Entre as minhas primeiras publicações contam-se duas obras coletivas publicadas conjuntamente pelo Núcleo de Ensino do Português no Estrangeiro e uma Instituição de Formação de Professores em Hessen. Tratava-se de manuais para o ensino do Português enquanto língua de cultura. Destinavam-se ao público luso-alemão. Apraz-me este regresso a esta íntima colaboração, pelo muito que aprendi, tanto no âmbito da cultura germânica, quanto no âmbito das normas editoriais, da linguística, da pedagogia e da didática específica para o ensino das línguas estrangeiras e das línguas maternas, enquanto línguas de cultura.

A minha esposa, Zélia, acudiu-me nos momentos de desespero e a ela muito devo o trabalho editorial que estava a meu cargo. Aos meus filhos devo a paciência e a alegria de viver.

Em paralelo, e articuladamente com estes artigos, fui redigindo mais de uma centena de poemas e um esboço de um livro de contos. São outras formas de recuperar raízes, outros modos de voar. Considero-os como os meus atos mais pedagógicos e mais didáticos da minha vida de Professor.

Oxalá um dia os queiram e os possam vir a ler!

Termino destacando a gentileza, a generosidade e toda a erudição que o Professor Malaca Casteleiro e que o meu amigo e ilustríssimo dramaturgo, Norberto Ávila, colocaram, respetivamente no prefácio e no posfácio desta singela obra com que decidi comemorar, em simultâneo com o meu sexagésimo aniversário, trinta e seis anos de docência e trinta e dois anos de serviço na Escola Superior de Educação de Setúbal.

Ver imagens em https://youtu.be/xweddPkk5f4?list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkcRI

SÓCIO FUNDADOR DA AICL

– PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA-GERAL DESDE 2019

– PERTENCEU AO CONSELHO FISCAL DESDE 2010

PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL, TRIÉNIO 2017-2020.

TOMA PARTE - QUASE ININTERRUPTAMENTE - EM TODOS OS COLÓQUIOS DESDE O PRIMEIRO EM 2002. ESTEVE NO 31º BELMONTE 2019